

Colega:

Hoje, 2 de Dezembro de 1976, os Organismos Autónomos da A.A.C., como sabes, estão aqui, no Teatro Académico Gil Vicente, para em conjunto te oferecerem um espectáculo

Este espectáculo é muito especial. É uma jornada cultural de apoio à luta que neste momento todos nós, estudantes, travamos contra as arbitrariedades e prepotências do M.E.I.C., pela satisfação do nosso caderno reivindicativo.

Não vimos porém falar-te da nossa luta. Tão bem como nós sabes o que colectivamente pretendemos. A nossa luta é a luta pela dignidade da Universidade Portuguesa. Estamos certos de que nesta perspectiva todos estamos de acordo.

Provavelmente já foste ver quem assina este folheto ou comunicado. É um dos sete Organismos da Academia, o TEUC, Teatro dos Estudantes da Universidade de Coimbra.

No espectáculo a que estás a assistir a participação do nosso grupo resume-se, como irás ver, à apresentação duma pequena peça, "CATARINA", cuja duração não excederá o quarto de hora e que é um original de Virgílio Martinho cujo texto também te oferecemos.

Preparamos esta pequena apresentação, utilizando o Guarda-Roupa que temos da nossa última peça "Arraia Miuda" e oferecendo o esforço, também colectivo, dos elementos do grupo que não se pouparam a cansaços de ensaios para em dois dias levantar este pequeno quadro.

Repara que não queremos evidenciar o nosso esforço. Os outros Organismos trabalharam tanto ou mais do que nós para esta organização cultural e conjunta. Queremos apenas dizer-te que qualquer grupo de Teatro, Universitário ou não, é essencialmente esse esforço colectivo. Queremos dizer-te que a nossa experiéncia como elementos do TEUC nos tem ensinado a viver mais colectivamente na construção, também colectiva, dum trabalho que consideramos minimamente válido e às vezes até com alguma qualidade.

No TEUC todos nós estamos de acordo em afirmar-te que a nossa actividade no Organismo nos tem ajudado inclusivé na nossa vida escolar.

Quantas vezes o Estudo e Trabalho de vários textos teatrais tem sido um salutar complemento, um factor de equilibrio, ao ensino que de certa maneira ainda muito incompleto nos é ministrado na Universidade.

Com isto queremos apenas dizer-te que o nosso Organismo está aberto também à tua participação. Neste momento aliás, temos uma campanha de inscrições cujo expediente funciona de 2ª a 6ª feira das 15 às 18 horas, no 4º Piso da A.A.C., sala 4-2.

Se quiseres vir trabalhar conosco em Teatro, lá estaremos à tua espera.

(volta s.f.f.)

De qualquer forma agradecemos-te a tolerância que tiveste em ler este longo convite até ao fim.

Desculpa-nos também esta maneira, quase marketing, de te chegar à palavra. Mas a verdade é que são tão poucos os que trabalham nos Organismos e Secções da A.A.C., poucos em relação à população total dos Estudantes, que não nos pareceu mal esta forma de abordagem.

Temos estado a "impingir-te" especialmente o TEUC. Mas isso apenas se deve ao facto de ser esse o nosso Organismo e de por isso o conhecermos melhor. Mas para além do TEUC há outros Organismos, de teatro, de canto e várias secções desportivas e culturais.

A finalizar dizemos-te que todas as estruturas culturais ou desportivas da A.A.C. são boas se quiseres trabalhar no âmbito duma actividade extra-escolar, minimamente válida.

Até Sempre



TEATRO DOS ESTUDANTES DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

TEATRO DOS ESTUDANTES DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

UMA FOLHA DE TEATRO

CATARINA original de Virgílio Martinho

- Cantor Chamava-se Catarina/ o Alentejo a viu nascer/ Serranas viram-na em vida/ Baleizão a viu morrer .
- CAMPONESA (Enquanto esta narra, a acção da morte de Catarina vai-se desenrolando em mimo) A gente estava parada porque a gente ganhavamos pouco. Ganhavamos um salário pouquinho. Andavamos mortos com fome, era uma miséria. Não tínhamos roupa. Eu tinha deztoito anos quando isto aconteceu. E nós estávamos paradas porque a gente queria ganhar aí uma média de vinte e dois, vinte e três escudos. Ninguém ia trabalhar, por os agrários, quer dizer, os donos das propriedades, não queriam dar nada à gente.
- CANTOR Ceifeiras na manhã fria/ Flores na campalhe vão por/ Ficou vermelha a campina/ Do sangue que então brotou.
- CAMPONESA Chegamos e avistamos umas senhoras ceifando as terras do Olival. A gente se reuniu e dissemos: a gente vamos daqui e vamos falar com aquelas senhoras. Eram de Penedo Gordo, porque o dono do Olival as tinha ido lá buscar. E juntamo-nos. E fomos. Mas quando chegamos à estrada já lá estava mais gente. Já lá estava a Guarda Republicana. Pédimos-lhe para nos deixarem ir falar com as senhoras e elles disseram-nos: vão lá, mas não vão todas nem façam barulho.
- CANTOR Acalma o furor campina/ Que o teu pranto não findou/ Quem viu morrer Catarina/ Não perdoa a quem matou.
- CAMPONESA E a gente fomos. Mas quando iamós a subir a valeta, ouvimos tiros. Pareciam estalinhos. Eu era a mais nova de todas. E digo assim: ah, que é aquilo? E diz a Catarina: aquilo é o feitor que está a dar tiros para o ar ou a dar estalinhos para nos meter medo. Mas nós não vamos fazer mal a ninguém, vamos simplesmente falar com as mulheres para se juntarem à gente.
- CANTOR Aquela pomba tão branca/ Todos a cuerem para si/ O Alentejo queimado/ Ninguém se lembra de ti.
- CAMPONESA Chegamos lá, andamos um bocadinho dentro da terra, saiu aquele senhor por detrás de um relevo de favas. E disse assim:
- Tenente da Guarda QUE É QUE QUEREM SUAS BURRAS!
- CAMPONESA A Catarina deu dois passos para a frente e nós também demos, depois ella disse:

CATARINA Quero pão para os meus filhos. E quero trabalho e quero Paz.

CAMPONESA E ele deu-lhe um estalo na cara e ela deixou cair o lenço. E ela spanhou o lenço.

Tenente da Guarda QUE É QUE QUEREM SUAS BURRAS?

CAMPONESA Depois ele afastou o menino e matou-a. E a gente não sabemos ao certo se ouvimos os tiros ou não. Sabemos que ela caiu no chão morta. Então a gente jogamos os joelhos ao chão pedindo Paz enquanto ele gritava:

Tenente da Guarda Mato essas Burras, MATO ESSAS BURRAS!

CAMPONESA E Atirava. E continuava a atirar, gritando, gritando sempre que matava estas burras, que matava estas burras!

CANTOR Acabma o furor campina/ Que o teu pranto não findou/  
Quem viu morrer Catarina/ Não perdoa a quem matou/  
Quem viu morrer Catarina/Não perdoa a quem matou.

.....

COIMBRA, 2 de Dezembro de 1976

Jornada Cultural de Apoio à Luta da Academia de Coimbra



TEATRO DOS ESTUDANTES DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA